

Canudos e as fronteiras da literatura na América Latina

Doutoranda Jaqueline Koehler (UFPR/FARESC)

Resumo:

O sertão é, na literatura brasileira, uma espécie de espaço mítico que tenta representar, por meio da ficção, nossa nacionalidade. *Os Sertões* de Euclides da Cunha é, nesse sentido, uma obra crucial para a compreensão dessa realidade, homem e natureza. Singular na História brasileira, a Guerra de Canudos desvelou um brasileiro e um país em crise na construção de sua cultura e identidade. *A Guerra do fim do mundo*, do peruano Mario Vargas Llosa, revisita Canudos e, além da recriação ficcional que realiza, aponta para uma discussão crucial da literatura Latino-Americana: seu estado fronteiriço, em trânsito permanente, seja com o velho mundo colonizador, seja com a própria cultura americana em construção e em processo de emancipação. Este trabalho pretende discutir, a partir das obras, a linha tênue que marca a construção das nacionalidades (e espacialidades) latino-americanas, e que as tornam, de acordo com Ottmar Ette, uma “literatura em movimento”. O diálogo entre as obras problematiza as relações multi ou inter-culturais que permeiam a construção da identidade latino-americana que, nesse caso, ao reconhecer o outro, pode reconhecer-se a si mesmo.

Palavras-chave: Canudos, nacionalidade, América Latina.

1 Entre os sertões de Euclides da Cunha e de Mario Vargas Llosa

Euclides da Cunha (1866-1909) lança em 1902 seu livro mais importante: *Os sertões*, em que narra o assalto a Canudos. O texto é fruto de sua experiência como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo, em que é mandado para a Bahia com o objetivo de cobrir os acontecimentos relacionados às expedições para enfrentarem Antônio Conselheiro e seus seguidores. A história da escrita de *Os sertões* é permeada pela visão de Euclides da Cunha que se transforma, desde sua saída do Rio de Janeiro até o arraial de Canudos: primeiramente, como a maioria de seus contemporâneos, o autor vê de modo negativo o profeta e suas ações. Porém, ao se deparar com a realidade do sertão e do sertanejo, acaba por escrever um texto em que não somente defende a situação do sertanejo, como também tenta denunciar o massacre que ocorreu¹.

Oitenta anos depois do lançamento de *Os sertões*, em 1982, Mario Vargas Llosa lança um de seus mais importantes romances: *A guerra do fim do mundo*. Vargas Llosa, que já nos anos 70 é um escritor reconhecido por sua obra, e por isso, recebe um convite da Paramount para escrever um roteiro de filme para o cineasta Ruy Guerra. Em conversa entre o escritor e o cineasta, Guerra pede um roteiro baseado no episódio de Canudos, já adiantando que tem consciência que contar todo o evento seria “demasiadamente grande”

¹ Na Nota Preliminar à obra, Euclides da Cunha afirma:
“Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.
E foi, na significação integral da palavra, um crime.
Denunciemo-lo”(CUNHA, 18)

para somente um filme. Vargas Llosa, então, que nunca sequer havia ouvido falar nesse episódio da história brasileira, passa a fazer pesquisas a respeito do assunto e lê o texto de Euclides da Cunha.

De acordo com o escritor peruano, tanto a história, quanto o texto de Euclides o fascinaram de imediato:

Comecei a documentar-me, a ler e uma das primeiras coisas que li em português foi *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Para mim, foi uma das grandes experiências da minha vida de leitor. Foi como ter lido, quando garoto, *Os Três Mosqueteiros*, ou, já adulto, *Guerra e Paz*, *Madame Bovary* ou *Moby Dick*. Foi realmente o encontro com um livro muito importante, com uma experiência fundamental. Um deslumbramento, realmente, um dos grandes livros que já se escreveram sobre a América Latina. (SETTI, 39)

O romance *A guerra do fim do mundo* tem como tema Canudos, porém, ao contrário de Euclides da Cunha que divide seu texto em três partes (A Terra, O Homem, A Luta) na tentativa de retratar do modo mais sistemático e fiel a dura vida e necessidade de sobrevivência do sertanejo, Vargas Llosa ficcionaliza o episódio, dando vida a personagens históricas e criando outras para retratar, do seu modo, a história brasileira. Enquanto Euclides da Cunha tem um texto híbrido, misturando estudos sociológicos, geográficos e antropológicos a respeito do sertão e de tudo o que envolveu os acontecimentos em Canudos, Vargas Llosa singulariza personagens históricas em um romance que se aproveita de dados históricos, mas também inclui muita ficção em seu enredo.

O romance de Vargas Llosa é escrito durante quatro anos, em que o autor pesquisou material a respeito do fato histórico. Viaja pelo sertão, pelas cidades em que o Conselheiro passou, sempre com ajuda de pesquisadores do assunto que o auxiliaram em sua coleta de dados. Toda essa pesquisa foi fundamental para a escrita de seu romance, e do delineamento das personagens que nele figuram.

O texto de Euclides da Cunha é híbrido, uma mistura de tratado geográfico (em *A Terra*) com estudos étnicos e antropológicos (em *O homem*), passando por uma narrativa com tons de estudo sociológico, sempre em uma linguagem trabalhada e cheia de termos técnicos, muitas vezes considerado um livro difícil de ser lido. Por sua vez, Vargas Llosa escreve um romance permeado de personagens idiossincráticas, que tentam retratar os fatos, mas que também particularizam suas individualidades, deixando de figurarem como uma “massa” de sertanejos oprimidos pela miséria.

Em *Os sertões*, o homem é parte do meio físico, o sertanejo existe através de sua justa relação com o espaço, a natureza à sua volta. O sertanejo chega a ser “engolido” pelo sertão, e faz parte do cenário que Euclides descreve. Não há propriamente personagens, já que o autor trata dos acontecimentos em uma narrativa que lembra mais os livros de história, pois descreve e relata o que ocorre, Antônio Conselheiro, João Abade e Moreira César, por exemplo, são inseridos nos fatos, suas ações chegam a ser narradas, mas não chegam a ser conformados como personagens.

Já em *A guerra do fim do mundo*, há a presença do sertão como elemento importante para a constituição da história, porém de modo mais comedido, já que para o autor foi uma descoberta conhecer o sertão brasileiro. O desconhecimento, e talvez a falta de intimidade com o idioma, faz com que Llosa não insira em seu romance passagens em que os sertanejos falem, o que poderia descaracterizar a própria construção ficcional das mesmas, já que sua fala poderia sempre parecer artificial.

Vargas Llosa também insere personagens fictícios em seu texto. Galileu Gall (um aventureiro escocês entusiasta da Frenologia), o Leão de Natuba (o único que sabia escrever e registrava tudo o que acontecia), o Beato, a Mulher Barbuda, que não são

embasadas nas pesquisas do autor, mas são criações que servem para embasar seu romance. Cada um, a seu modo, contribui para criar o painel de desvalidos que acompanham o Conselheiro, ratificando a miséria em que viviam, e sua fuga na religião, na fé e consolo trazido pelo profeta.

Há também o Jornalista míope, clara referência a Euclides da Cunha. Essa personagem traz uma espécie de crítica ao mesmo tempo em que homenageia Cunha, já que o associa à miopia, ou seja, à sua incapacidade de perceber os crimes ocorridos diante de seus olhos, da violência do Estado diante de uma multidão de desvalidos. A personagem é descrita como uma pessoa frágil, o que parece justificar sua inadequação diante do cenário de violência (e em um espaço hostil ao homem da cidade que dele nada conhece):

Lá dentro, na sala da Redação-Administração, está, sozinho, aquele jornalista jovem, magro, desajeitado, cujos grossos óculos de míope, seus espirros frequentes e sua mania de escrever com uma pena de ganso em vez de usar as de metal são motivos de piadas entre o pessoal do ofício. Inclinado sobre a mesa, a cabeça deselegante imersa no halo da lamparina, numa posição que o deixa corcunda, enviesado em relação à prancheta, ele escreve depressa, só parando para molhar a pena no tinteiro ou consultar uma caderneta de anotações, que aproxima dos óculos quase até tocar neles. (VARGAS LLOSA, 183-184)

As duas obras, em diálogo, possibilitam refletir a realidade brasileira e latino-americana, como Canudos é representante das mazelas do Brasil, sua história romanceada é espelho para a condição do homem na Latino-América.

2 Representações do sertão: espaço fronteiriço

No texto “*O lu(g)ar dos sertões*”² Gilberto Mendonça Teles traça um panorama do significado da palavra “sertão”. Já no século XVI³ “sertão” significa “incerto”, “desconhecido”, “interior”, “inculto” sempre na perspectiva do ponto de vista do observador, que se vê no centro e no “certo”, em um lugar privilegiado em relação ao outro, que seria uma espécie de periferia. “Sertão” seria o oposto de uma concepção de civilização, já que se pressupõe que o enunciador seria um representante desta, estando situado na cidade, ou em alguma região central, em oposição ao interior.

Walnice Nogueira Galvão em seu ensaio sobre Canudos *O Império de Belo Monte – vida e morte em Canudos* (2002), recorre a Gustavo Barroso e suas conclusões sobre a etimologia da palavra. A palavra, antes de aportar no Brasil, já era utilizada na África e em Portugal com a acepção de “interior” ou “distante da costa”, com isso “*o sertão pode até ser formado por florestas, contando que sejam afastadas do mar.*” (2002, 16). De acordo com o artigo, a etimologia da palavra encontrada no *Dicionário da língua bunda de Angola* de 1804, do frei Bernardo Maria de Carnecatim, o verbete (*mulceltão* e sua corruptela *certão*) significam *locus mediterraneus*, ou seja, um lugar onde se encontra o centro das terras.

A palavra aparece em inúmeros relatos de viajantes e cronistas e, para eles, normalmente é relacionado como contraponto ao litoral: para os cronistas dos séculos XVI-XVIII tudo o que não faz parte do litoral é sertão. Isso se dá pelo ponto-de-vista do olhar

² In: FERNANDES, Rionaldo de (org.). *O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

³ O termo aparece na Carta de Pero Vaz de Caminha (2003): “*Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d’olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.*” (p. 115).

civilizado dever estar sempre no litoral e as terras mais longínquas serem desconhecidas, visão que, como Teles ressalta, irá perdurar até autores como Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Justamente por se encontrar nesse lugar “interior”, que traz em si a falta de informação, é que o sertão irá exercer certo fascínio e tornar-se assunto literário, principalmente através da imaginação. Esse espaço é tema de inúmeras obras na literatura brasileira, torna-se emblemático e característico para a ficcionalização da identidade nacional, como também na construção da identidade do brasileiro, ou ao menos, torna-se um espaço ideal para a discussão dessa identidade.

Ottmar Ette em seu livro *Literatura en Movimiento* (2008) traça um panorama da literatura de viagem produzida por europeus a respeito das Américas. A partir da leitura de obras que retratam a natureza, o homem e a cultura do Novo Mundo, Ette analisa a relação e o modo como o europeu se utiliza para compreender o novo, sempre a partir de sua relação com a cultura da qual faz parte. A inter-relação entre essas culturas, idiomas e tipos humanos mostra o quanto estamos sempre em estados fronteiriços e no quanto a literatura, ao possibilitar essa situação, cria mesmo que ficcionalmente, lugares que podem ser vistos como sem residência fixa.

Ette define as questões fronteiriças na relação entre as literaturas de vários países da seguinte maneira:

(...) a las concepciones y a los conceptos que se dedican a las espacialidades transformadas y en proceso de cambio. Al lado de una convivencia *multicultural* y una mezcla y reciprocidad *inter* culturales – y lo siguiente es para mí muy positivo – se ha instalado un entrevero *transcultural* en el cual as más diversas culturas se penetran recíprocamente y se modifican. Los lugares de residencia fijos de las culturas en su mayor parte pertenencem al pasado. (ETTE, 16)

O texto de Ette questiona o que chama de lugares de residência fixos nas culturas. No caso brasileiro, o sertão é um espaço desses lugares. Presente em diversos momentos de nossa literatura, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha como também amplamente caracterizado em nosso Romantismo. O sertão torna-se um espaço ao mesmo tempo emblemático de nossa nacionalidade (por se encontrar no interior e fazer parte de um universo desconhecido) ao mesmo tempo que parece nos definir em sua rudeza e, em alguns casos, em sua barbárie. Canudos, nesse sentido, é sintomático dessa simbologia que o sertão brasileiro apresenta. O movimento possui elementos que a um primeiro olhar são um prato cheio para críticas e a percepção de que se trata de um espaço em que a ignorância é plena, e por isso, um homem aparentemente louco como Antônio Conselheiro conseguiria arrebanhar a quantidade de pessoas que passaram a segui-lo.

Ao mesmo tempo, Canudos materializa a fragilidade da identidade brasileira nos fins do século XIX. Seja pelas notícias enviadas que chegaram da Bahia para o Rio de Janeiro, seja pela visão preconceituosa criada para os sertanejos, um fato é certo: os contemporâneos ao assalto ao arraial acreditavam que o extermínio desses brasileiros era a melhor solução para o conflito. Quando Euclides da Cunha denuncia, como faz questão de frisar, o que ocorreu com os canudenses, constrói um texto que tenta a todo momento justificar como o fanatismo levou à tragédia, e como o episódio também contou com a ignorância, a falta de informação de parte da população que seguia Antônio Conselheiro.

A ficcionalização de Vargas Llosa traz à tona uma multidão de desvalidos, porém, ao romanceá-los, cria uma identidade em que a tentativa de empatia com o leitor fica evidente. Enquanto Euclides da Cunha é direto e até cruel, Vargas Llosa traz mais humanidade para as personagens. Conselheiro é descrito pelo primeiro de modo negativo,

como um louco:

Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo. Posto isto o infeliz, destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia ter ido para o hospício.(CUNHA, 144)

Porém, até o final do texto, Euclides, mesmo acreditando na loucura do Conselheiro, parece amenizar sua condição, já que percebe que a palavra correta que deve ser empregada para o cerco é o de um massacre fratricida. Mesmo sendo uma ameaça, Conselheiro nunca deixa de ser retratado como um homem que pregava e ensinava preceitos religiosos para seus seguidores, e que defendia a pobreza como parceira da moral. Conselheiro também passa a ser descrito como uma figura frágil:

Nesta situação (logo após enfrentar a primeira expedição de Moreira César) aflitíssima, saiu do campo, alentando os combatentes robustos e apreensivos, a legião fragilíssima da beataria numerosa. (...)

Revestido da longa camisa de azulão, eu lhe descia, sem cintura, desgraciosamente, escorrida pelo corpo alquebrado abaixo; torso dobrado, fronte abatida e olhos baixos, Antônio Conselheiro aparecia. Quedava longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Erguia lentamente a face macilenta, de subido iluminada por olhar fulgurante e fixo. E pregava. (CUNHA, 284)

Essa imagem do Conselheiro, de um homem fisicamente frágil, é retomada por Vargas Llosa, que inicia seu romance com uma descrição impactante do profeta, gerando na primeira impressão do leitor uma visão positiva em relação à personagem:

O homem era alto e tão magro que parecia estar sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes, e seus olhos flamejavam com um fogo perpétuo. Usava sandálias de pastor e a túnica roxa que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito daqueles missionários que, vez por outra, visitavam as vilas do sertão batizando multidões de crianças e casando os pares amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas havia algo na sua expressão tranquila, nos seus costumes frugais, na sua imperturbável seriedade que, antes mesmo de começar a dar conselhos, atraía as pessoas. (VARGAS LLOSA, 15)

Outro exemplo de como Vargas Llosa recupera personagens históricas do texto de Cunha é a ficcionalização de Beato, ou Beatinho. Enquanto Cunha destina um sub-capítulo intitulado “Agrupamento bizarros” destinado a descrever as pessoas que seguiam o Conselheiro, e muitas vezes os descreve de modo depreciativo, Vargas Llosa recupera essa figura e cria uma personagem movida por uma fé intocável e irrepreensível.

O primeiro trecho abaixo foi extraído de *Os sertões*, o segundo de *A guerra do fim do mundo*:

No meio destes perfis trágicos uma figura ridícula, Antônio *Beato*,

mulato espigado, magríssimo, adelgado pelos jejuns, muito da privança do Conselheiro; meio sacristão, meio soldado, misseiro de bacamarte, esquadrinhando todos os recantos do arraial, e transmitindo a todo instante ao chefe supremo, que raro abandonava o *santuário*, as novidades existentes. (CUNHA, 191)

Mas quando, na penúltima noite que o Conselheiro passou em Pombal, Antônio Beatinho lhe pediu para acompanhá-lo mundo afora, os olhos – intensos e também gelados – do santo, primeiro, e sua boca, depois disseram que não. (...) Quando viu que já estava exausto, o Conselheiro pegou sua cabeça com as duas mãos e o fez encará-lo. Aproximando o rosto, perguntou, solene, se amava Deus a ponto de fazer-lhe sacrifício de dor. O Beatinho disse que sim com a cabeça várias vezes. O Conselheiro levantou a túnica e o menino pôde ver, sob luz incipiente, que tirava da cintura um arame que estava lacerando a sua carne. “Agora use você”, ouviu-o dizer. (VARGAS LLOSA, 27-28)

Esses exemplos e comparações reforçam os pontos de vista diferenciados entre os escritores, e como o autor peruano esmiúça a realidade do sertão brasileiro e o reescreve trazendo à tona a miséria dos sertanejos ao individualizá-los e lhes conferir idiossincrasias, personalidade. Paralelamente, o sertão, um espaço tão brasileiro é abarcado pela visão de um outro (como Euclides já havia sido), que transforma esse lugar em uma representação para a compreensão de problemas que são inerentes à América Latina, ao Novo Mundo que, desde os relatos de viagens registrados a partir do século XVI, começaram a ser escritos.

3 Fronteiras e movimentos

Em *Sabres e Utopias: visões da América Latina* (2010), Mario Vargas Llosa cita seu discurso na Academia Brasileira de Letras em que discorre sobre seu livro e a obra de Euclides da Cunha: “... *Os sertões* conseguiu, sim, foi algo que Euclides não poderia imaginar: mostrar o que é e o que não é a América Latina. O que existe nela de semelhante e de diferente da Europa.”(132). Esse raciocínio é fundamental para compreender como Ottmar Ette entende também as relações entre os relatos de viagem, o homem europeu e as Américas. Para Ette, primeiramente, o escrever sobre o outro é uma forma de se ter a experiência do deslocamento, um dos exemplos mais explorados em seu estudo são os escritos de Alexander Von Humboldt, em que se alimenta dos lugares por onde passou, na mesma medida em que cria uma tensão entre aquilo que é, em oposição ao novo que passa a conhecer.

A partir desse ponto de vista, Ette comenta como o latino-americano, como a literatura que produz, é contaminada com o que chama de uma lógica do “ninizmo”. Para o estudioso alemão, o latino-americano, em seu discurso, deixa claro seu conflito de “não ser nem isso, nem aquilo” (*ni eso, ni aquello*, em espanhol), ou seja, de se considerar, de se ver sempre em um lugar intermediário, fronteiro, sem identidade definida. Para o autor, é na literatura que reside a possibilidade de se discutir esses problemas que são nevrálgicos para a constituição de uma nação. Para Ette, a literatura torna-se “transgressora de fronteiras”, pois possibilita esse olhar que vai além da realidade cotidiana.

Vargas Llosa, ao escrever *A guerra do fim do mundo* transgride outras fronteiras, já que possibilita que a Latino-América possa se olhar, pois não se trata mais do olhar europeu, mas o olhar de um igual, um semelhante, que percebe que as mazelas do outro são as mesmas que a sua, e nesse processo tenta compreender sua realidade.

Canudos, seja na representação de Euclides da Cunha, seja na representação de

Mario Vargas Llosa, é um episódio dramático da história brasileira. Desde a constituição do arraial, passando pela devoção ao Conselheiro, até seu desfecho marcado pelo derramamento de sangue. A falta de infraestrutura para condições mínimas de sobrevivência no país, o posicionamento do Estado, a ausência de educação, entre outras tantas ausências são suprimidas pela fé, em um contexto em que a fome torna-se uma virtude e a condição do sertanejo, ao menos uma vez, não é um defeito, não é uma falha. Ao lermos o texto euclidiano, nem todas essas questões ficam claras, afinal o autor não consegue ser partidário do Conselheiro e isso limita sua visão a respeito do país.

Já Vargas Llosa, oitenta anos depois, consegue perceber o absurdo da violência, a brutalidade e a barbárie do episódio, e cria uma multidão de desvalidos como personagens para representar esse cenário de nossa história. Mais que uma denúncia, ao individualizar a secura da vida dessas personagens, Llosa consegue fazer com que percebamos o tamanho da ignorância de nossa história, da falta de diálogo, da ausência do olhar para o outro, da consciência de como todos são marginalizados, não importa se estão no centro ou na periferia, se estão ou não no sertão.

João Abade, o Beatinho, o Leão de Natuba, a Mulher Barbuda, entre tantas outras personagens, tornam-se brasileiros com uma história pessoal de miséria e de luta por sobrevivência e de conquista de uma individualidade na comunidade criada em Canudos. São representações de sertanejos que contribuem para a compreensão do fanatismo que fez parte de todo o movimento, e trazem à tona de como são figuras que só poderiam ter um papel social: o de marginalizados. *A guerra do fim do mundo* mostra a condição do latino-americano de viver sempre as relações sociais, religiosas, econômicas e culturais no fio da navalha, na busca pela afirmação de uma identidade que está em construção e, por isso mesmo, é sempre uma afirmação de uma condição incerta.

Llosa, em seu discurso na ABL define a importância de se compreender Canudos, sua fala é sintomática da relação à necessidade da compreensão do outro para o entendimento de sua própria condição. Vai adiante: enquanto Euclides da Cunha viu Canudos como um marco na história brasileira, Vargas Llosa percebe o quanto essa tragédia é presente cotidianamente pela América Latina, repetindo-se de outras formas. É uma maneira de se concluir o episódio tardiamente, e possibilitar perceber que somente o diálogo de uma “literatura em movimento” poderia trazer para a discussão o que a história tentou enterrar:

“E, por intermédio desse capítulo da história brasileira, reconstituído com uma visão arredondada, o leitor descobre, de repente, algo mais vasto e comovente: a escorregadia personalidade americana, o dilaceramento tão absurdo quanto permanente que marca nossos países, a falta de comunicação que explica nossas tragédias políticas e como, em todo o continente ocorreram e continuam a ocorrer tantos Canudos.” (133)

Referências Bibliográficas

- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Ediouro, 2009.
- ETTE, Otmar, **Literatura en Movimiento: espacio y dinámica de una escritura transgresora de fronteras en Europa y América**. CSIC: Madrid, 2008.
- SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1986.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império de Belo Monte: vida e morte em Canudos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In: **O clarim e a oração: cem anos de**

Os Sertões. Organizador Rinaldo de Fernandes; ilustrações T. Gaudenzi. São Paulo: Geração Editorial, 2002, (263-302).

VARGAS LLOSA, Mario. **Sabres e utopias: Visões da América Latina.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VARGAS LLOSA, Mario. **A guerra do fim do mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.